

Por que é que Atenas Perdeu a Guerra do Peloponeso?

“Naquele dia em Março de 404, pouco mais de vinte sete anos passados desde o seu início, a grande guerra entre Atenas e Esparta tinha chegado ao fim.”

Os Atenienses, dentro das suas muralhas, privados de mantimentos e com grande parte dos seus recursos destruídos, decidem render-se e aceitar os termos propostos por Esparta. Como sabemos, pelos discursos de Péricles e Arquidamo ao decidir entrar em guerra, Atenas partia em vantagem, detendo um poder financeiro e naval superior. Neste contexto surge a questão – Se, no início, todas as previsões eram favoráveis aos Atenienses, por que é que Atenas perdeu a Guerra do Peloponeso? Como resposta imediata a esta questão torna-se necessário esclarecer que Péricles, apesar de prever que Atenas poderia evitar uma derrota caso se mantivesse fiel à sua estratégia, talvez não tivesse consciência da dificuldade com que se depa-riam futuros líderes em manter essa mesma estratégia. Assim, são os próprios erros de Atenas, os mais temidos por Péricles¹ que, a meu ver, mais peso tiveram para a derrota do império.

Através desta minha reflexão, procurarei demonstrar como uma sequência de falhas por parte de Atenas, a par do destino e das próprias vantagens que



POR
**Rute
Pedrosa**

Aluna da Classe
de 2011 do IEP-UCP

Esparta soube aproveitar, estiveram na origem da terrível derrota.

FRAQUEZAS RELACIONADAS COM ATENAS

Democracia

Na obra de Tucídides, podemos observar um discurso de Péricles no qual o líder aborda a questão da tomada de decisão, demonstrando que os Espartanos, por não disporem de uma assembleia popular, têm uma tomada de decisão lenta que acabava por prejudicar os resultados em tempo de guerra². Atenas, por seu lado, com um regime democrático, beneficia de uma dinâmica na tomada de decisão que lhe poderia ser muito favorável. Torna-se então essencial neste ponto fazer uma distinção entre a democracia Ateniense com Péricles e após a morte deste. De facto, Atenas podia beneficiar da dinâmica democrática

desde que provisionada por um elemento moderador – Péricles³. Com a sua doença, “pela primeira vez em muitos anos os Atenienses experimentaram os inconvenientes inerentes à verdadeira gestão de um estado democrático em tempo de guerra.”⁴ Sem que surgisse, posteriormente, um líder com as suas qualidades, a assembleia parece transformar-se num corpo volátil⁵ inflamado de emoções, que toma decisões das quais muitas vezes vem a arrepender. Há inúmeros episódios ao longo da narrativa que nos demonstram a facilidade com que o povo se deixava iludir, nomeadamente em relação a Alcibiades.⁶

Péricles previa que, através da estratégia defensiva que havia proposto, Atenas tinha todas as hipóteses de evitar uma derrota. Só que, como nos diz Cohen, Péricles foi “o líder Ateniense que parece ter previsto tudo menos o evento mais importante de todos: a sua própria morte durante a praga.”⁷ Com o despoletar da guerra, manter a estratégia e convencer os Atenienses a permanecer impávidos dentro das suas muralhas enquanto estavam a ser atacados seria uma missão muito difícil. Segundo Kagan, “ninguém para além de Péricles poderia ter persuadido os Atenienses a adoptar e manterem-se firmes a tal plano.”⁸ Então, Péricles, já com uma idade avançada, teria de permanecer no poder até que a crise se resolvesse, uma vez que a sua estratégia não seria viável com outros líderes no comando. Como sabemos, Péricles morreu, e Atenas foi deixada à mercê da sua democracia radical.

O regime Ateniense é também apontado como responsável por uma enorme pressão⁹ sobre os seus generais durante a guerra – A assembleia responsabilizava, exilava ou executava os generais pelos seus comportamentos durante as batalhas. Assim, “a cidade não aprendia com os seus erros e, na maior parte das vezes, assustava os seus generais tornando-os demasiado cautelosos, tomando decisões baseadas no que os votantes em casa poderiam aprovar em cada dia.”¹⁰ Esparta, por seu lado, tinha mais paciência e dava maior margem de manobra aos seus generais. Esta realidade acabou por ser muito prejudicial a Atenas no desenrolar das várias operações e batalhas.

Sicília

Um dos grandes erros Atenienses que contribuiu para o seu enfraquecimento

e destruição de grande parte dos seus recursos foi a campanha á Sicília¹¹. Atenas, apesar dos argumentos e avisos de Nícias contra a expedição, decide ir contra três grandes cidades-estado (Esparta, Corinto e Tebas), sem ter destruído nem os recursos hoplitas nem navais de nenhum dos inimigos. Avança para a Sicília e lá, numa campanha longe de casa e com profundas ambições imperialistas, vai lutar contra Siracusa, uma cidade quase tão democrática como a própria Atenas. Torna-se assim ilegítimo o motivo ideológico para a guerra, que se baseava em libertar povos onde as oligarquias eram impostas.

No episódio da Sicília, podemos ainda identificar um outro motivo que acaba por prejudicar os Atenienses: a traição de Alcibíades que, depois de acusado por crimes cometidos em Atenas e afastado da expedição, aconselha Esparta a construir um forte em Deceleia, na Ática, para cortar o contacto com Atenas e com as minas de prata de Laurium. Esparta segue o conselho e a essa fortificação é fatal para o destino Atenas.

CAUSAS ALHEIAS A ATENAS

A praga

A praga sofrida por Atenas, como podemos perceber pelas pormenorizadas descrições de Tucídides, teve efeitos devastadores que fizeram a população atravessar um período de enorme sofrimento e de perda de muitas vidas. Esta é uma das causas naturais apontadas na origem do enfraquecimento e consequente derrota de Atenas. Ainda assim, pela minha interpretação, Atenas, ao superar a calamidade, cometeu erros que foram muito mais relevantes para a sua derrota do que a praga em si.

A intervenção Persa

Em termos de causas alheias a Atenas, a intervenção da Pérsia na guerra, essa sim, constitui um marco relevante para o final trágico. Como era afirmado desde o início, o poder financeiro era crucial¹² para o sucesso durante a guerra. Atenas detinha esse poder, Esparta não. Péricles previa mesmo que os Espartanos, inevitavelmente, iriam “ser impedidos pela escassez de recursos financeiros”¹³ de alcançar a vitória. O papel da Pérsia torna-se então preponderante uma vez que veio preencher essa lacuna no lado Espartano. Depois da vitória Ateniese em Arginusa, a frota marítima de Espar-

ta encontrava-se gravemente devastada e, neste momento crucial, “sem o vasto capital Persa... Esparta nunca teria prosseguido com a guerra, que acabou por forçar Atenas a capitular.”¹⁴

Esparta

Em relação a Esparta, a grande ironia é que, pelos requisitos para a vitória enunciados no início da guerra (dinheiro, marinha e capacidade para envolver-se em guerras longas) os Espartanos encontravam-se em enorme desvantagem¹⁵. A adaptação Espartana é notória e a cidade que, à partida, não detinha poder naval, foi desenvolvendo técnicas e aprendendo¹⁶ a fazer guerra no mar, acabando por vencer precisamente numa batalha naval.

Ainda assim, apesar deste esforço e embora pudesse existir por parte de Esparta uma superioridade¹⁷ em termos estratégicos, não me parece que essa tenha sido a causa relevante na derrota de Atenas¹⁸. Como vimos, por maior vantagem estratégica que tivesse, sem recursos financeiros (que foram provi-

denciados pela Pérsia, e investidos na marinha a conselho de Alcibíades – um Ateniese) Esparta, provavelmente, não teria conseguido vencer o conflito da forma que o fez.

De qualquer forma, a superioridade no que respeita aos generais é notória ao longo da guerra, e Esparta utiliza essa vantagem em momentos cruciais. Apesar de Esparta ser um estado mais fechado em comparação com a moderna Atenas, eram os “Peloponésios, não os Atenieses, que produziam as melhores mentes militares.”¹⁹ Na Sicília, com Gilipo, e em Ageospotami, com Lisandro, essa superioridade em termos de liderança sobressai e demonstra a sua relevância para a derrota Ateniese.

Lisandro, especialmente, adquire um papel preponderante ao por um ponto final na guerra percebendo exactamente como deveria agir em relação aos Atenieses – mantendo-os dentro das suas próprias muralhas, sem acesso a mantimentos²⁰, e afundando a sua frota naval.

CONCLUSÃO

Ao analisar as razões por detrás da derrota Ateniese na Guerra do Peloponeso, parece-me ter ficado claro que a preponderância recai mais sobre os próprios erros Atenieses do que propriamente numa possível vantagem Espartana. Como vimos em II, Péricles havia previsto que, seguindo uma estratégia defensiva, Atenas poderia tirar vantagem numa guerra que visava especialmente desgastar Esparta ao longo do tempo. Este plano acabou por não ser cumprido uma vez que exigia que o próprio Péricles permanecesse no poder. Sem as suas qualidades como líder, o cenário da democracia Ateniese muda por completo, alterando-se também o rumo da estratégia. A democracia radical e a volatilidade da sua assembleia conferiram uma extrema instabilidade que acabou por prejudicar Atenas, quer por decisões mal tomadas, quer pela pressão que exercia sobre os seus generais. De entre as más decisões tomadas pela assembleia, destaca-se a aprovação da expedição á Sicília. Como é sabido, Atenas embarcou numa campanha de carácter imperial (indo contra um dos principais conselhos de Péricles no início da Guerra – não expandir o império) com fracas condições de obter sucesso. Fracassou, saiu extremamente fragilizada e desen-



Atenas podia beneficiar da dinâmica democrática desde que provisionada por um elemento moderador – Péricles. Com a sua doença, “pela primeira vez em muitos anos os Atenieses experimentaram os inconvenientes inerentes á verdadeira gestão de um estado democrático em tempo de guerra

cadeou um conflito interno (entre diferentes facções Atenienses) que agravaria ainda mais a sua situação.

Depois desta sequência, vimos na secção III que os “golpes finais” para

a destruição total foram a intervenção Persa (financiando Esparta), e o desempenho de líderes Espartanos, nomeadamente, Lisandro.

Assim, parece-me claro que Atenas

errou e que o destino muitas vezes não lhe foi favorável. Consequentemente, Esparta soube tirar partido nos momentos cruciais, o que levou a derrota Ateniense na Guerra do Peloponeso. ■

GUIA DE LEITURAS

- CHANSON, Victor Davis, “Ruin?” in *A War Like No Other. How the Athenians and Spartans Fought the Peloponnesian War*, Methuen, Londres, 2005
- KAGAN, Donald, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in savage Conflict 431 – 404 BC*, Harper Perennial, Londres, 2005
- TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, tradução de Raul Rosado Fernandes e Maria Gabriela Granwehr, Fundação Calouste

Gulbenkian, Lisboa, 2010

- COHEN, Eliot, “Thucydides, Really!” in *The American Interest*, Janeiro/Fevereiro 2007
- HALE, John R., *Lords of the Sea. The Epic Story of the Athenian navy and the Birth of Democracy*, Viking, Nova Iorque, 2009
- XENOFONTE, *A History of My Times* (Hellenica), tradução de Rex Warner, Penguin, Londres, 1966/1979

NOTAS

¹ C “Tenho de facto mais medo dos nossos próprios erros do que dos planos dos nossos adversários.” Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, tradução de Raul Rosado Fernandes e Maria Gabriela Granwehr, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, Livro I, p.173.

² “os Peloponésios... não têm poder para fazer guerra contra quem tenha uma organização militar concebida em moldes tão diferentes dos deles, visto que nem dispõem de uma assembleia popular, onde podem rapidamente tomar medidas a tempo, visto que todos têm igual direito a voto e, como não são todos da mesma raça, cada um se esforça pelos próprios interesses. De tais circunstâncias costuma não se obter qualquer resultado... Como levam muito tempo para reunir-se, é escasso o tempo de que dispõem para analisarem em comum o que lhes interessa, mas levam a cabo o que privadamente lhes diz respeito.” Tucídides, op. cit., Livro I, p. 170.

³ Como nos diz V. Hanson, “only a towering figure such as Pericles could rein in the raw emotions unleashed in open forums and, as first citizen, by sheer power of his moral authority run the country by near fiat and still take full advantage of democratic dynamism.” V. Hanson, “Ruin?” in *A War Like No Other. How the Athenians and Spartans Fought the Peloponnesian War*, Methuen, Londres, 2005, p. 311.

⁴ “For the first time in many years the Athenians experienced the inconveniences inherent in the truly democratic management of a state in time of war” D. Kagan, *The Peloponnesian War. Athens and Sparta in savage Conflict 431 – 404 BC*, Harper Perennial, Londres, 2005, p. 87

⁵ Uma espécie de “tirania da maioria” onde uma grande parte da população, mesmo adoptando uma posição errada, pode, legitimamente, oprimir uma minoria.

⁶ Observemos a reacção a uma última tentativa de Alcibiades em interferir nos planos de Atenas: “The generals were not interested. They knew Alcibiades too well. If his plan failed, the Assembly would blame the officially appointed generals. If it succeeded, he would get all the credit.” J. Hale, *Lords of the Sea. The Epic Story of the Athenian navy and the Birth of Democracy*, Viking, Nova Iorque, 2009, p. 237. Nesta passagem de Xenofonte é notória a forma como Alcibiades era desculpado e persuadia o povo: “In the time of his exile he had been the helpless slave of necessity and, being every day in danger of losing his life, had no other course but to make himself agreeable to those whom he hated most.” Xenofonte, *A History of My Times* (Hellenica), tradução de Rex Warner, Penguin, Londres, 1966/1979, p. 71.

⁷ “The Athenian statesman who seems to have foreseen everything except the most important event of all: his own untimely death in the plague.” E. Cohen, “Thucydides, Really!” in *The American Interest*, Janeiro/Fevereiro 2007, p. 165.

⁸ “No one but Pericles could have persuaded the Athenians to adopt such a plan and hold to it.” D. Kagan, op. cit., p. 53.

⁹ Esta pressão pode ser ilustrada com o exemplo de Nicias durante a campanha na Sicília. O general, tendo consciência de que não poderia vencer, nunca se decidiu pela retirada, com medo das consequências que poderia vir a sofrer no regresso a Atenas.

¹⁰ “the city did not often learn from its mistakes but almost always scared generals into being too cautious or reckless, their decisions based on anticipating what the voters back home might approve on any particular day.” V. Hanson, op. cit., p. 312.

¹¹ Como argumentei no meu último ensaio, esta foi uma campanha de enormes proporções na qual Atenas desperdiçou recursos. Aqui, mais uma vez, a democracia radical volta a mostrar as suas fragilidades uma vez que é a assembleia, inflamada pela sede de guerra e influenciada por Alcibiades, que decide ir em frente com tão desastrosa operação.

¹² Como afirma Arquidamo no seu discurso: “a Guerra não é tanto uma questão de armas, mas sim de dinheiro” Tucídides, op. cit., Livro I, p. 126.

¹³ Tucídides, op. cit., Livro I, p. 170.

¹⁴ “Without Persia's vast capital... Sparta could never have prosecuted the Ionian War, which eventually forced Athens to capitulate.” V. Hanson, op. cit., p. 311.

¹⁵ “The great irony of the war was that the very requisites for victory – an enormous fleet, money for rowers' pay, and officers deployed overseas for long periods of imperial service – were inimical to the historic assumptions of rural and isolated Sparta, which heretofore had had no monetary economy.” V. Hanson, op. cit., p. 304.

¹⁶ “The Athenians had largely adhered to Pericles' policy of avoiding land battles; the Spartans had surprised everyone by patiently mastering the nautical skills that Pericles had claimed they would never learn.” J. Hale, op. cit., p. 245.

¹⁷ Não me proponho aqui discutir essa superioridade.

¹⁸ Como refere V. Hanson: “four reasons why Sparta triumphed; none of them can be attributable to the oligarchy's strategic insight or imaginative tactics. The plague was nature's bane. Sicily was Athens' own strategic mistake and was compounded by tactical blunders. The creation of a fort at Decelea and the use of Persian capital to build fleet are attributed by Thucydides and Xenophon to the advice and machinations of Alcibiades, an Athenian.” V. Hanson, op. cit., p. 309.

¹⁹ “The Peloponnesians, not Athens, produced the better military minds.” V. Hanson, op. cit., p. 307.

²⁰ “He knew that the more people there were in the city and in Piraeus, the sooner the food supplies would run out” Xenofonte, op. cit., p. 104.